

7 - Os tratados deontológicos

Wilson A. Ribeiro Jr.

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RIBEIRO JR., WA. Os tratados deontológicos. In: CAIRUS, HF., and RIBEIRO JR., WA. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. História e Saúde collection, pp. 147-150. ISBN 978-85-7541-375-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

7 OS TRATADOS DEONTOLÓGICOS

Wilson A. Ribeiro Jr.

Há muitos médicos de nome, mas poucos de fato.

A Lei, 1

A ÉTICA MÉDICA ANTIGA

Estavam associados à palavra *ética*²²⁷, na Antigüidade, diversos comportamentos próprios de indivíduos ou grupos, com determinados fins e sancionados por juízos de aprovação. Essa breve conceituação, indubitavelmente parcial e instrumental, engloba didaticamente a maioria das críticas que os intelectuais gregos dedicavam ao comportamento dos cidadãos. Sócrates, Platão e Aristóteles, assim como quase todos os autores de sistemas filosóficos antigos, viam a ética de forma elevada, como um ideal de vida. A visão da ética na Antigüidade, no entanto, era relativamente singular e predominantemente teleológica, contendo apenas alguns traços deontológicos²²⁸.

A coleção hipocrática traz os mais antigos textos deontológicos relacionados à Medicina que chegaram até nós. Note-se, porém, que mesmo o conceito de deontologia não se aplica de modo adequado à prática médica antiga: as formas de ética médica conhecidas pelos médicos gregos da época clássica e helenística, expressas na coleção, podem ser mais adequadamente descritos como “regras de etiqueta”.

A idéia de que os médicos gregos dos períodos Clássico e Helenístico se dedicaram à medicina em razão de sentimentos conscientemente elevados e dotados de um ideal de amor pela humanidade é muito pouco plausível. Segundo Edelstein, isso seria “uma projeção não-histórica de conceitos tardios em uma época que os ignorava completamente” (Edelstein, 1956). Galeno, que viveu bem mais tarde, menciona razões pelas quais alguém se interessaria

²²⁷. “Ética” deriva do substantivo grego ἔθος, “costume, uso”. Aparentemente, Aristóteles foi o primeiro a empregá-la da forma que é utilizada na atualidade.

²²⁸. Em filosofia, considera-se ética “teleológica” aquela que julga a retidão de uma ação totalmente dependente de sua provável eficácia para atingir uma finalidade boa ou, direta ou indiretamente, o máximo bem; ética “deontológica”, em certa medida, é aquela que considera uma ação correta ainda que não decorra de uma boa motivação do agente (cf. Runes, 1983).

em seguir a carreira médica: por amor ao dinheiro, para desfrutar da isenção de taxas²²⁹, pela glória e pelas honras ou, então, por amor à humanidade. Glória, dinheiro, filantropia, acrescentou ele, são assuntos de ordem pessoal; não há conexão intrínseca entre essas motivações e a prática médica (Galeno, V).

A palavra “etiqueta”, que talvez possa ser compreendida como uma forma mais simples de ética²³⁰, evoca um conjunto de normas adequadas para o comportamento em sociedade. Bem cedo os autores dos tratados hipocráticos reconheceram a necessidade de o bom médico se comportar apropriadamente, para que a existência da arte médica fosse reconhecida pelo público em geral (CH, *Da medicina antiga*) e não se tornasse difícil diferenciar o charlatão do médico bem preparado. Incidentalmente, ao praticar essas recomendações, o renome e a boa reputação do próprio médico aumentariam²³¹. Nesse sentido, a coleção hipocrática traz um conjunto de recomendações relacionadas com a etiqueta médica e, ainda mais especificamente, com o decoro²³² médico. Essas recomendações se tornaram, com o tempo, parte integrante (e importante) do componente médico do triângulo hipocrático²³³.

Além dos médicos hipocráticos, outros eruditos trataram de vários aspectos da ética médica — alguns, em textos longos, outros, em curtos aforismos. Os mais importantes foram Galeno de Pérgamo (citado há pouco), Sorano de Éfeso e Escríbônio Largo, médicos; Sarapion, filósofo; e Libânio, orador. Todos eles viveram mais de quatrocentos anos depois de Hipócrates, durante o Império Romano.

OS TRATADOS

Os tratados da coleção ditos “deontológicos” são: *Juramento*, *Lei*, *Do médico*, *Do decoro* e *Preceitos*. Eis o nome grego original e o nome latino tradicional, sua tradução e a data

²²⁹. Na época de Galeno, os médicos eram muitas vezes agraciados com isenção de impostos. Consta que, em Roma, Júlio César foi o primeiro a fazê-lo.

²³⁰. Curiosamente, “etiqueta” deriva também do termo grego ἔθος. A julgar pelo sufixo, a palavra pode ser efetivamente interpretada como um diminutivo.

²³¹. Cf. *Juramento* e *Do decoro*, entre outros tratados.

²³². Os gregos usavam, nesse sentido, a palavra εὐσχημοσύνη, que significa primeiramente “aparência externa decente”, “atitude séria”, “bom porte”. Seu significado engloba tanto o aspecto exterior como o aspecto interior do médico. Em última análise, refere-se à aparência física agradável e ao comportamento adequado do médico.

²³³. “A arte médica compreende três elementos: a doença, o doente e o médico; o médico é um servidor da arte” (CH, *Epidemias*, I, 11).

aproximada da composição:

Grego	Latim	Português	Data
Ἵρκος	<i>Iusiurandum</i>	Juramento	c. 400 a.C
Νόμος	<i>Lex</i>	A Lei	fim séc. IV a.C.
Περὶ ἰητροῦ	<i>De medico</i>	Do médico	350-200 a.C.
Περὶ εὐσχημοσύνης	<i>Decorum</i>	Do decoro	séc. I-V d.C
Παραγγελίαι	<i>Praecepta</i>	Preceitos	séc. I-II d.C

Os cinco tratados foram integralmente traduzidos, inclusive as passagens que não apresentam relação alguma com a etiqueta médica. As principais recomendações deontológicas dos tratados hipocráticos são, resumidamente, as seguintes:

(É dever do médico:)

1. ter completo domínio da arte médica;
2. ser dedicado ao trabalho, honesto, bom, cordial, capaz, ter autodomínio e levar vida irrepreensível;
3. cultivar um aspecto físico apropriado, apresentar-se corretamente vestido e se comportar com circunspeção (evitando, porém, o excesso de severidade);
4. praticar a arte em local apropriado e convenientemente aparelhado;
5. não recorrer a tratamentos e procedimentos vistosos, mas de utilidade duvidosa;
6. envidar todos os esforços em prol do doente; tratá-lo com paciência, levando em conta seu estado;
7. examinar o doente com cuidado, quantas vezes for necessário e dar a ele e aos familiares instruções apropriadas;
8. não fornecer drogas mortais a pedido ou não, nem praticar abortos;
9. chamar outros médicos para ajudar, quando necessário; ajudar, ao ser chamado por outro médico;
10. tratar os outros médicos com consideração;
11. levar em conta os meios financeiros do cliente ao estipular os honorários e trabalhar às vezes de graça;
12. não se valer da profissão para praticar a injustiça, a corrupção ou obter favores sexuais;
13. guardar segredo daquilo que ficar sabendo por força da profissão;
14. discutir e argumentar com habilidade mas, ao se dirigir aos leigos, falar com sobriedade.

TEXTO E TRADUÇÃO

O sentido de muitas frases dos textos originais apresenta alguma dificuldade de compreensão por causa do estado dos manuscritos e, em certa medida, por causa do suposto desleixo de alguns copistas: há inúmeras passagens corrompidas, adulteradas e pouco claras. Muitas vezes os tradutores mais antigos, como, por exemplo, Littré e Jones, procuraram suprir essas dificuldades no ato da tradução. Não vejo nisso, particularmente, nenhum demérito; em minha tradução, porém, optei por não “ajustar” as deficiências de sintaxe, o vocabulário estranho e as expressões esquisitas encontradas em muitos parágrafos do texto grego. Os trechos pouco inteligíveis foram traduzidos palavra por palavra, na medida que o texto original permite. A exemplo de Jones, marquei os trechos mais comprometidos com o óbelo (†), sinal usado pelos antigos copistas medievais para marcar o início e o fim de uma passagem confusa ou pouco legível. Assim o leitor terá, espero, uma noção das coerências e incoerências do texto grego.

No estabelecimento de um texto antigo há, muitas vezes, divergências entre os editores dos manuscritos. Segui, em geral, as lições de Jones, e assinali em notas os casos em que foi privilegiada a lição de outro editor. Palavras não existentes no texto original, importantes para a compreensão do trecho em língua portuguesa, ausentes no grego por força da sintaxe ou por questões de estilo do autor, estão indicadas por parênteses ().

FONTES

Para a tradução dos cinco tratados utilizei basicamente os textos da *Loeb Classical Library* editados por Jones (vol. I e II) e Potter (vol. VIII): *Juramento*, vol. I, pp. 298-301 e vol. II, pp. 259-261; *Lei*, vol. II, pp. 255-265; *Do médico*, vol. II, pp. 303-313 (§1) e vol. VIII, pp. 295-315 (§ 2-14); *Do decoro*, vol. II, pp. 267-301; *Preceitos*, vol. I, pp. 303-333. Para a divisão em parágrafos do *Juramento* segui a edição de Heiberg.

Devo acrescentar, finalmente, que minhas notas e comentários muito se beneficiaram dos esclarecidos e detalhados ensaios de Littré, Jones e Lara Nava que acompanham suas respectivas traduções.